

REFAZENDO O SAGRADO: A RECONSTRUÇÃO DE UMA COMUNIDADE DE CANDOMBLÉ

Volney José Berkenbrock

Introdução

Na tradição dos Yorubanos, a existência é sempre desdobramento da divindade. Nada do que existe seria possível se não fosse a sua pré-existência junto a Olodumaré, o Senhor do Eterno Destino, o possibilitador de tudo e portanto onde todas as possibilidades estão *em si*. Ele deu a Obatalá – o Orixá da criação – a incumbência de sempre tirar as coisas do *saco da existência*. Assim as coisas que se tornam para nós, para a nossa realidade, só se tornam porque elas já existiam em Olodumaré como possibilidade. A criação não é entendida apenas como um ato do passado, mas um acontecimento permanente. Desta forma, para o Candomblé, as coisas feitas só o são porque estavam já dentro da divindade. Tudo está submetido a esta lógica da existência. Por isso, nada há que não seja possível. Tudo pertence à mesma totalidade. E isto não é apenas uma compreensão religiosa: isto é um princípio hermenêutico. A partir disto se interpreta toda a existência, os acontecimentos estão subordinados a esta ordem da totalidade maior.

A história que aqui se irá contar pode parecer à primeira vista um questionamento desta ordem: um terreiro foi fundado e depois deixou de existir; um sacerdote católico incumbiu-se de encerrar a casa de Candomblé, com água benta e exorcização do local. A mãe-de-santo achou que o padre estava correto e concordou com a ação dele. Os objetos sagrados do terreiro foram dali subtraídos pelo sacerdote católico e parte deles inclusive enviados a um museu, sem que a mãe-de-santo tivesse tomado conhecimento. A família da mãe-de-santo se desfez do imóvel onde ficava o terreiro. Por anos a família continuou sua militância religiosa apenas na Igreja Católica. Dez anos após o fechamento do terreiro, a mãe-de-santo retoma a sua trajetória no Candomblé. Comprou um outro terreno e ali refez o terreiro e juntou novamente a comunidade de santo. Passados mais dez anos, os objetos que tinham sido levados embora e entregues a um museu, são lá descobertos e devolvidos à casa de Candomblé, onde são reintroduzidos no seu lugar de origem.

Refazendo do Sagrado, título deste texto, é uma tentativa de entender a lógica religiosa deste processo que conduziu esta retomada das atividades de uma casa de Candomblé, da reconstrução da comunidade religiosa e de seus espaços sagrados, do refazimento dos

assentamentos dos Orixás da casa e dos Otás dos seus filhos, da ressacralização de objetos que por mais de 20 anos ficaram longe do terreiro e foram ali reintroduzidos. A história desta casa de Candomblé e suas mudanças é muito rica e pode ser lida a partir de muitos pontos de vista. Aqui nos interessa focar a questão da lógica religiosa do refazer o sagrado. Como isto foi possível do ponto de vista *teológico* do Candomblé? Vamos tentar mostrar justamente como funciona o princípio hermenêutico de que as coisas que existem (feitas ou refeitas), só existem porque são possíveis para a divindade; e a partir dali são interpretadas.

1. A história de um Terreiro e de suas mudanças

Como muitas pessoas no Brasil, Eurides freqüentava tanto o Candomblé quanto a Igreja Católica. Assim tinha sido criada, assim fazia desde a infância.

Na Igreja Católica era uma freqüentadora devota, ora com mais intensidade, ora com mais distância. Seguia, porém, o ritmo do catolicismo em sua vida: a participação nas grandes festas, a devoção a Maria, a presença regular na celebração da eucaristia. Casara-se na Igreja Católica - no dia da Imaculada Conceição, por ser devota da santa e a ter como padroeira. Levava os filhos para serem batizados. Seguia a Igreja Católica porque gostava, sentia-se e sempre foi membro efetivo da comunidade.

Ao mesmo tempo, Eurides participava do Candomblé, religião à qual seguia com a mesma devoção e assiduidade. Fora iniciada nesta religião aos 17 anos de idade. Viveu muitos anos dentro da casa onde fora iniciada, aprendendo os segredos da religião. Dentro da religião do Candomblé, ela se aprofundou e aos vinte e poucos anos, passado o período iniciatório previsto não era apenas um membro freqüentador: abriu sua própria casa. Ali ela havia feito uma longa caminhada e consolidado avanços.

A consagração definitiva à religião dos Orixás acontece através de um processo de iniciação. Este processo é geralmente desencadeado por algum acontecimento que não tem uma explicação aparente: alguns desmaios, alguma doença, algum desejo, alguma manifestação estranha no dia-a-dia da pessoa. Fatos como estes podem ser interpretados no Candomblé como uma espécie de aviso do Orixá de que a pessoa está precisando iniciar-se na religião para equilibrar sua vida, para obter harmonia, tranqüilidade e paz. Em 1959 Eurides decidira-se pela iniciação no Candomblé. O período primeiro da iniciação consta de uma série de ritos pelos quais a pessoa passa. Estes são feitos em reclusão, dentro de um terreiro, sem muitos contatos com o mundo externo. Cinco meses durou o período de reclusão para ela. Neste período de reclusão no chamado Roncol, ela experimentou muita

solidariedade por parte dos outros membros da casa de Candomblé: as pessoas cuidaram de suas obrigações diárias, lavaram sua roupa, prepararam sua comida. Passado este período de recolhimento, Eurides era membro permanente de uma casa de Candomblé.

Os seguidores do Candomblé não são membros da religião em geral. São sempre e somente membros de uma casa específica: aquela na qual onde se é iniciado. Há aqui uma diferença grande quando se compara com o catolicismo. Um católico é membro da Igreja Católica onde estiver, independente da Igreja onde tenha sido batizado. Um sacerdote católico é sacerdote em qualquer Igreja Católica em que estiver. No Candomblé ninguém é membro da religião em geral. Sempre se é membro de uma casa específica e somente dela. Todas as funções, ministérios e títulos valem somente para esta casa específica.

O processo de iniciação não se encerra com o período no Roncol. Os sete primeiros anos após o recolhimento fazem ainda parte da iniciação. Após a obrigação dos sete anos, a pessoa está apta do ponto de vista espiritual para assumir a condução de uma casa de Candomblé. Nem todos os iniciados no Candomblé vem um dia a dirigir uma casa. Há porém aqueles aos quais os Orixás deram este destino. Foi o caso de Eurides. Após os sete anos de iniciação - por volta de 1966, com vinte e poucos anos de idade -, ela mesma abriu sua casa, passando a ter pessoas em sua comunidade, assumindo a condução dos trabalhos frente a um terreiro e aceitando pessoas para serem iniciadas por sua mão. Por ser filha do Orixá Oxum, Eurides denominou sua casa de Ilê de Oxum.

No Ilê de Oxum, Eurides era a Yalorixá - popularmente chamada de mãe-de-santo ou de zeladora de santo -, a sacerdotisa e autoridade máxima na organização da casa. Para esta casa ela levou os seus objetos sagrados pessoais, o assento de seu Orixá. Ali também foram sendo preparados e introduzidos os objetos e locais sagrados que uma casa de Candomblé exige. Passo após passo, Eurides foi assumindo seu papel de liderança religiosa, conduzindo os *trabalhos* e decidindo os destinos da casa.

Enquanto ocorria o processo de crescimento dentro do Candomblé, continuava ela sua vida como membro ativo da Igreja Católica. Houve um tempo em que se aproximou muito mais da comunidade e a frequência foi mais constante. Participava ativamente da organização das festas, dedicando-se sobretudo à festa de Nossa Senhora da Conceição, santa de sua devoção pessoal. O padre que acompanhava a paróquia soube de sua militância no Candomblé. Mas era meio difícil conversar com ele, diz Eurides:

O padre lá da minha paróquia, não tinha como. Ele não tinha condições de eu conversar nada com ele. Ele era italiano. Então ele não entendia nada. Ele sabia alguma coisa do que eu era, do que eu tinha sido, que eu

tinha deixado, mas ele não tinha conhecimento nenhum do que se tratava. Aí ele me disse: “Vai lá conversar com o Frei da Igreja Santo Antônio. O Frei lá é que aconselha todo mundo com estas coisas e tal”. Aí eu fui. Aí ele disse prá mim assim: “Não, você tem que largar. Eu tenho que ir lá exorcizar a sua casa. Desmontar e exorcizar”. Eu achei que aquilo estava certo. E fui. Levei ele lá na casa. Aí ele jogou água benta. E tirou o que ele quis tirar. Levou as coisas embora.

Quando chegou, porém, ao momento de fechar a casa, Eurides passara por todo um processo de dúvida em sua caminhada religiosa. Diz ela a respeito deste tempo:

Porque eu achava que as coisas que existiam dentro do Candomblé não existiam na Igreja, como por exemplo a homossexualidade. Eu achava que aquilo era forjado. Dentro do Candomblé isto é uma coisa natural. A gente aceita as pessoas como elas são. Mas tinha coisas que extrapolavam, muita exibição, então eu achava aquilo um absurdo... Fora isto também, na Igreja, tudo o que eu ouvia parecia que dizia para mim assim: Fecha, acaba com isto! Aí eu ia conversar com o padre.

As falas dos padres começaram a provocar dúvidas de consciência em Eurides. Diziam que as coisas do Candomblé não eram coisas de Deus, que quem freqüentava o Candomblé não era cristão, que não podia participar da mesa da comunhão. A fala do Frei aumentava o drama religioso dela. Ele insistia que era preciso largar o Candomblé, se desfazer de tudo, pois não era coisa de Deus. Um dia disse a ela: "Isto não é de Deus e nem do diabo. É de você." Para o frade franciscano, o que acontecia no Candomblé era fruto do subconsciente, da mente das pessoas. Através de sua insistência, o franciscano foi convencendo Eurides a abandonar o Candomblé. Aproveitando um dia em que Eurides estava hospitalizada, frei Jorge foi até o Ilê de Oxum e levou todas as coisas embora. Isto foi em torno de 1981, quando Eurides já tinha 22 anos de iniciação no Candomblé.

Eurides desligou-se formalmente do Candomblé e passou a freqüentar somente a comunidade católica. “Eu fiquei sem a casa. Fiquei só na Igreja durante 10 anos”. Sua ligação com a antiga comunidade religiosa limitava-se a conservar a amizade pessoal com o povo-de-santo, mas não era mais ativa na comunidade religiosa do Candomblé. Seu terreiro foi totalmente desativado e vendido o espaço. Um dia houve uma festa no terreiro onde Eurides fora iniciada. Ela foi convidada a participar e aceitou o convite. Quando durante a festa os atabaques tocaram o ritmo de Oxum, Eurides incorporou. Sua Oxum tomou conta dela novamente e ela dançou na roda. O modo da experiência religiosa - adormecida temporariamente - voltou com todo o vigor.

Acontece aqui mais uma virada na trajetória religiosa de Eurides e da sua relação com o Candomblé: o que deveria fazer? Sua ligação com a Igreja Católica continuava muito ativa.

Sua família era engajada no movimento da pastoral da consciência negra. Foi ela então conversar com o franciscano responsável pelo movimento. Assim conta:

Mas quando eu voltei, foi uma pessoa da Igreja lá para me orientar para eu não fazer o que eu tinha feito, não fechar. Foi uma pessoa da Igreja que me disse para não deixar as minhas origens. [...] E eu achei assim: se uma pessoa da própria Igreja – um padre – me tirou tudo, me fez desfazer de tudo e um se outro padre da mesma Igreja voltou para dizer que eu não devia ter feito tudo isso, que eu devia voltar para as minhas origens, que eu não estava cometendo nenhum pecado, nenhum erro grave, me foi mostrando aquilo, eu achei então que era possível as duas coisas.

A partir disto, Eurides decide retomar a sua casa de Candomblé. Isto foi no início da década de 1990. Começa então o processo de refazer a casa de Candomblé. A retomada na caminhada no Candomblé não era um voltar a uma posição anterior. Era preciso refazer praticamente tudo. O espaço do antigo terreiro havia sido vendido. No decorrer destes 10 anos, a área havia se valorizado e não mais se tinha dinheiro para recomprar o espaço. Além disso, todas as coisas dali que diziam respeito ao terreiro tinham sido levadas embora. Bom seria, diz Eurides, se pudesse ter comprado o terreno de volta. Ele está inclusive à venda já há muito tempo: “Sim, porque lá era um lugar melhor, de não tão difícil acesso. Inclusive lá está tudo parado. A pessoa não consegue vender: ninguém quer, ninguém compra, ninguém mora. Quem comprou de mim, vendeu. Mas agora está parado. É que ali valorizou muito”.

Foi então que decidiu comprar outro terreno para o terreiro, num município vizinho, bem mais afastado, mas foi o que a condição financeira permitiu. E ali começa o processo da reconstrução do Ilê de Oxum, a casa de Oxum refeita.

2. Refazendo o Sagrado

A criação de um Ilê Axé, uma casa de Candomblé – que é ao mesmo tempo uma comunidade de pessoas, de uma família-de-santo – é a construção de um mundo. Ele condensa uma pequena representação do cosmos: uma ordem constituída a partir do sagrado. Cada espaço, cada objeto está ali disposto por ter sua localização determinada a partir da função religiosa que ocupa. Um Ilê Axé é uma construção que segue uma lógica do sagrado e a fixação desta lógica, a sua implantação se dá de forma ritualística. Desta construção, a grosso modo, fazem parte quatro elementos: os filhos da casa (isto é, os membros iniciados daquela comunidade); os objetos sagrados que dizem respeito a estes membros da casa (isto é, os objetos que representam naquela casa a ligação de cada filho

com seu Orixá e disto pode fazer parte tanto os objetos dos assentamentos pessoais fixados no momento da iniciação como as indumentárias pessoais utilizadas nos rituais); os espaços sagrados de uso comum da casa (como por exemplo o barracão, os espaços dos pegis/altares, os espaços da cozinha, etc.) e por fim os objetos sagrados de uso comum numa casa de Candomblé (isto é, os utensílios da cozinha ritual, os utensílios das oferendas, os objetos do culto como por exemplo os atabaques, etc).

Refazer o Ilê de Oxum era de certa maneira recompor estes quatro elementos. Dispô-los de tal forma a serem novamente a construção religiosa do mundo que se havia perdido dez anos antes. Bastava juntar novamente elementos suficientes e o Ilê de Oxum estaria refeito? Tendo ele sido uma construção ritual, o que era necessário agora para uma *reconstrução ritual*? O fato de a comunidade ter deixado de existir durante este tempo, fez com que pessoas e objetos a ela antes ligados perdessem a sacralidade, isto é sua densidade e significado religioso? E se não perdessem esta sacralidade, poder-se-ia retomar a comunidade agora como se não tivesse havido nenhuma interrupção? Esta interrupção teve algum significado religioso que precisasse ser trabalhado, refeito? E em caso positivo, em que consistiu este processo de refazer a ordem religiosa? A isto dedicaremos agora nossa atenção.

2.1. Refazendo a comunidade de filhos

Um dos passos da reconstrução da comunidade foi reunir novamente os filhos da casa. Mesmo no tempo que Mãe Eurides deixou sua casa fechada, a relação entre ela e os antigos membros da casa continuou. Esta ligação é algo que – do ponto de vista do Candomblé – está baseada em dois compromissos: por um lado é o compromisso com o Orixá da pessoa. A iniciação é um processo de um pacto de culto entre o fiel e seu Orixá. Este pacto é representado fisicamente no assentamento, especialmente nos Otás (os elementos, geralmente pedras ou metais representativos da fixação do Orixá). Por outro lado, a iniciação estabelece também uma ligação de filiação com quem realizou a feitura, no caso a mãe ou o pai-de-santo. Um fiel do Candomblé não é filh@ do Candomblé, mas sim sempre filh@ deste ou daquela pai/mãe-de-santo. Esta ligação só irá encerrar com a morte (tanto do filh@ como d@ mãe/pai). E o encerramento desta ligação quando da morte não é algo que acontece automaticamente. É um longo processo ritual, o Axexê, o ritual de *tirar a mão*. Como na iniciação, a mãe/pai-de-santo coloca sua mão (sua responsabilidade) sobre a pessoa a ser iniciada e há ali uma responsabilidade mútua e perpétua assumida de

forma ritual, é necessário pois ritualmente também desligar este liame, dado que com a morte a pessoa passa a outra condição (a de Orum, à condição do impalpável). Não fazer o Axexê seria manter a pessoa falecida ligada ao nível do Ayiê (do palpável), não permitindo sua entrada completa da outra condição. E ao mesmo tempo, seria manter a pessoa que não faleceu unida religiosamente a alguém que não mais está em seu nível de existência. Por isso o ritual – longo e necessário – do Axexê, para colocar as coisas em seu novo lugar. Esta não foi, porém, a situação de Eurides. Se do ponto de vista *teológico*, a recomposição da comunidade do terreiro, da comunhão entre filh@s e a sua mãe-de-santo se deu simplesmente a partir do fato de terem novamente passado a se reunir, Eurides entende que também que não houve de sua parte nenhuma ruptura com a tradição neste tempo:

Mas eu tenho a minha cultura, as minhas raízes de origem africana. [...] Tanto é que quando eu deixei a casa de Candomblé não fui procurar evangélico. Não faltou quem quisesse me levar, mas eu jamais deixaria. Eu tenho uma verdadeira paixão pela Igreja Católica. Para mim é o melhor ritual, a melhor liturgia, tudo. Mas esta outra pessoa [o frade que a aconselhou] me fez enxergar mais fundo a minha origem, as minhas raízes.

Ela entende, pois, que não houve solução de continuidade. Havia deixado a militância no Candomblé, continuado a militância na Igreja Católica e agora, ao retomar a militância no Candomblé – ao lado a militância da Igreja Católica – não houve nenhuma ruptura com o pacto anterior. Por outro lado, entende que se tivesse procurado alguma Igreja evangélica, o pacto teria sido rompido. Não tendo havido, pois, ruptura do pacto da mãe com a sua tradição religiosa, nem ruptura do pacto entre elas e seus filh@s-de-santo, a retomada da comunidade foi uma questão de convite e não de ritual: “Sim, cada um aceitou. A gente segue uma orientação dos Orixás. Eles que orientam”. E não precisou fazer nenhum ritual com as pessoas, questioneei.

Não existe fazer duas vezes, não é? [...] Por exemplo, a feitura, raspar a cabeça, botar para fora etc., isto não se pode fazer duas vezes. Mas os preceitos dos assentamentos, os sacrifícios dos bichos, isto fizemos. Isto teve que ser refeito. Mas sem ter que raspar a cabeça de novo para confirmar aquilo que já tinha sido feito, isto não precisa. A energia, esta é a que fica. Esta continua.

Do ponto de vista *peçoal*, nada precisou pois ser refeito ritualmente, pois nada tinha sido desfeito: a energia dos Orixás, esta fica, esta continua. E, diz Eurides: “Todo mundo ficou assim muito feliz porque foi como reencontrar as suas raízes. Começar na nova casa foi como reencontrar as origens, pois havia uma amizade muito grande da minha parte para com eles e deles para comigo. Então foi um renascer, um nascer de novo”.

2.2. Refazendo os assentamentos

Diferentemente da continuidade que houve do ponto de vista *pessoal*, os objetos representativos da iniciação, do pacto entre o Orixá e seu fiel, estes precisaram ser refeitos. O assentamento do Orixá é o lugar físico de representação simbólica da ligação entre o fiel e seu Orixá. Este lugar concreto é necessário, pois diante dele se colocam as oferendas, ele é o lugar físico representativo do culto do fiel, ali o fiel mantém a *quartinha* (um pote de barro) sempre com água. O zelo por este lugar concreto – fazendo oferendas, renovando a água da *quartinha* – é parte da ritualidade que alimenta e realimenta continuamente a relação entre fiel e Orixá. Por esta ritualidade há a troca de energia: o fiel alimenta o Orixá e o Orixá despense seu Axé (força) para o fiel. E assim há o equilíbrio da existência. Este lugar concreto é instaurado na iniciação de cada fiel. Alguns objetos – os chamados *Otás*, que sempre são elementos da natureza, sendo usados sobretudo pedras ou pedaços de metal – são dispostos dentro de um recipiente de barro e a partir da iniciação são o *lugar visível* da ligação do fiel com seu Orixá.

Na casa de Eurides, quando esta foi desfeita, estes objetos foram todos perdidos. Foi tudo perdido: “Sim, inclusive os assentamentos”, diz mãe Eurides. Os fieis da casa ficaram sem seus assentamentos. Mas eles são o lugar concreto, a materialização que representa a ligação entre fieis e Orixás e por isso indispensáveis para o culto. Aqui sim se fez necessário refazer. Como então proceder? “Sim, refiz tudo porque não tinha como encontrar os antigos. Assim tive que refazer”. E cada membro da casa aceitou que se refizesse o assentamento? Havia alguma orientação para isto? Eurides:

Sim, cada um aceitou. A gente segue uma orientação dos Orixás. Eles que orientam e a gente refaz. Então eu procurei refazer, da melhor maneira, como a gente tinha feito antes. E aí todo mundo aceita. Porque a gente segue a força da natureza. A gente culta estas forças. A força do ferro, as pedras, os otás, as forças do rio, as árvores, as coisas da natureza. Nós pegamos estes elementos que eram necessários para cada um e aí fizemos. Refizemos as coisas como eram.

Se por um lado não houve a necessidade ritual para refazer as coisas ligadas com a iniciação pessoal, houve a necessidade de refazer os elementos que dizem respeito a estas coisas: “Não existe fazer duas vezes, não é? Refazer é fazer os preceitos que ficaram para trás. Por exemplo a feitura, raspar a cabeça, botar para fora etc., isto não se pode fazer duas vezes. Mas os preceitos dos assentamentos, os sacrifícios do bichos, isto fizemos. Isto teve que ser feito”.

2.3. Refazendo a casa de santo

Uma casa de Candomblé é uma pequena representação da origem ancestral construída ritualmente para servir de espaço concreto da troca entre os níveis da existência. Ali estão dispostos todos os elementos necessários para que o mundo esteja em ordem, para que haja cosmos e para que o caos seja sempre de novo ritualmente evitado. É ali que todo o mundo está representado do ponto de vista religioso. Não é nele que está a força da religião, da energia que mantém o cosmos em equilíbrio, ele é apenas o lugar representativo. Ou, como diz Mãe Eurides: “O Axé é o que está na nossa raiz. Onde eu for, ele está na minha cabeça, está em mim. Não é na casa, nas paredes!”

Mas ao mesmo tempo, a tradição do Candomblé cria um espaço e o sacraliza para ser a representação concreta da raiz, do Axé. E este lugar é o terreiro. Tendo sido tomada a decisão de retomar a caminhada no Candomblé, não foi necessário apenas reunir os fieis e refazer (ou melhor reatualizar) as ligações destes com seus Orixás. Foi necessário também refazer a casa de santo, o Ilê de Oxum. Este processo foi, do ponto de vista cronológico, o mais demorado e ainda está em curso. Diz Mãe Eurides:

Minha vontade é melhorar sempre. Mas claro que isto é uma coisa difícil, sobretudo de dinheiro. Até porque eu não cobro nada de ninguém. As pessoas vêm, fazem o que podem fazer e eu nunca cobre nada. Por aí cobram. Mas eu nunca cobre, porque acho que não é um negócio. Aqui todos se ajudam mutuamente, cada um faz o que pode. Então melhorar, aumentar a casa é uma coisa muito difícil, porque a questão financeira é muito fraca.

E continua: “Aqui realmente ficou um pouquinho estagnado porque é longe o acesso, nem todo mundo tem condição financeira para vir sempre, o pedágio é muito caro. Para quem vem de carro, é um horror de gasolina, de pedágio. Para quem vem de ônibus também é caro para vir e voltar”.

Mas mesmo com a constatação de que ali está “um pouquinho estagnado”, quem observa a casa há mais tempo, consegue ver como houve uma reconstrução ritual do Ilê de Oxum e também com o tempo um grande avanço na construção física do novo terreiro.

Inicialmente foi comprado um terreno no município vizinho, um pouco longe do local do terreiro anterior, mas dadas as condições econômicas, foi o que foi possível. Este novo espaço é constituído de um terreno relativamente grande, onde já existia uma casa de tamanho médio: sala, quartos, banheiro, cozinha. A casa está situada na parte da frente do terreno, com um afastamento de alguns metros do muro que separa o terreno da rua. Aos fundos da casa havia um terreno relativamente grande, usado como horta. Este espaço foi sendo ritual e religiosamente ocupado e adaptado. Ao lado direito do portão de entrada foi

logo construído o pegi de Exu, Orixá da comunicação, dos caminhos, absolutamente necessário para propiciar o culto. Entre o muro da rua e a casa há um pequeno espaço verde, onde foi plantado um dendezeiro. Passados uns vinte anos é hoje já uma bela árvore. A sala da casa foi transformada inicialmente em barracão. Como era muito pequeno o espaço, logo foi derrubada uma parede, integrando um quarto ao barracão. Os rituais públicos passaram a ser feitos neste espaço. Num dos quartos da casa se adaptou o espaço para os assentamentos principais. Sendo este espaço pequeno, ocupou-se também a parte superior. Era uma casa de laje, tendo em cima uma espécie de sótão. Ali se improvisou o espaço necessário para os outros assentamentos. Não é comum que os assentamentos se façam num andar superior, pois os Orixás são consideradas forças ligadas à terra, mas era o espaço que se tinha. Pois “eu procurei refazer, da melhor maneira”.

Prova de que nem tudo ficou assim tão estagnado é o fato de que em 2010 foi inaugurado o novo barracão do Ilê de Oxum. Um espaço bastante amplo, construído atrás da antiga casa, ocupando parte do terreno onde era a horta. Trata-se de uma construção em parte simples, mas esteticamente muito bela, bem ao estilo de Oxum, o Orixá da beleza. Neste há um salão amplo para as danças, onde no centro está o Opó, mastro de madeira que representa a ligação entre o palpável e o impalpável, ao longo das paredes estão dispostas as cadeiras de cada filho da casa, com destaque para a cadeira da Yalorixá. Ao fundo há uma série de quartos onde estão os assentamentos dos Orixás da casa, bem como os espaços para o recolhimento da iniciação. Omolu tem seu assentamento do lado de fora, como prevê a tradição. Ao lado do barracão há também uma casa de caboclo. A casa onde estavam antes instalados todos os espaços sagrados, conserva apenas a cozinha ritual. Os espaços desta são agora lugar de acolhimento dos filhos da casa e visitantes.

Passados, pois cerca de vinte anos desde a compra deste novo espaço, se pode dizer que o processo de refazimento da casa de santo está basicamente concluído. A inauguração do novo barracão é um marco arquitetônico desta reconstrução. Os espaços sagrados necessários têm também agora um espaço físico correspondente no Ilê. O Ilê de Oxum está agora completo. Se se tem saudades do antigo Ilê? “Lá seria melhor, sim. Porque é mais perto. Muitas pessoas da casa moram lá. Aqui é longe, não tem bom acesso, a condução é cara. Se eu tivesse lá, teria maior quantidade de pessoas”. Mas há alguma diferença religiosa entre o antigo Ilê e o novo? “Não, não tem diferença. O Axé é o que está na nossa raiz. Onde eu for, ele está na minha cabeça, está em mim. Não é na casa, nas paredes!

Então não tem esta diferença não”. Mas o novo Ilê também tem suas vantagens do ponto de vista religioso:

O que eu tenho a acrescentar é que esta mudança melhorou muito o acesso às fontes da natureza, que são as cachoeiras, o mato. Aqui nós temos muito mais acesso a isto do que lá. Lá era muito asfalto. Lá tinha que pegar toda uma rodovia para ter acesso à natureza. Aqui não, estamos a 40 minutos de uma cachoeira boa. Aqui temos também acesso melhor à praia. Temos muito mato, muitos rios. Aqui estamos mais perto das fontes, das forças da natureza que a gente cultua. Eu acho que aqui é melhor neste sentido. Como se diz que nada é por acaso, não é? Então neste sentido foi melhor. Temos acesso às matas, às cachoeiras, onde a gente realiza muitos trabalhos.

2.4. Refazendo os utensílios sagrados

Deste cosmos que é uma comunidade de Candomblé também fazem parte objetos sagrados, isto é, objetos que fazem parte do culto. Entre estes se pode contar tanto os objetos da cozinha ritual, os utensílios usados para as oferendas, os utensílios usados nos pegis, bem como os objetos utilizados do culto, seja as roupas e símbolos pessoais (as indumentárias), seja os instrumentos musicais como atabaques, adjás ou agogôs. Todos estes utensílios precisam passar por uma preparação para poder fazer parte do culto: precisam ser purificados. Para a maioria destes utensílios não se trata tanto de fazer complexos rituais, mas um banho de purificação com ervas irá retirar qualquer energia espúria e fazê-lo apto para o uso no culto. Os atabaques, que têm uma função ritual muito importante, estes sim precisam de rituais específicos. Não se pode simplesmente comprar novos atabaques, afiná-los e sair usando. Eles precisam receber um preparo para isto.

A introdução de utensílios novos no âmbito ritual numa casa da Candomblé é – com exceção de alguns objetos, como os atabaques - algo muito comum, dado que utensílios gastam, que se pode ter mais de um, que possa ocorrer do utensílio ficar velho, quebrar, etc. No tocante às roupas e indumentárias, por exemplo, não é incomum que se possa ter roupas novas para ocasiões especiais. Quando do refazimento do Ilê de Oxum de Mãe Eurides, dados que os utensílios da casa antiga haviam todos se perdido, foi necessário arranjar toda a gama necessária deles para o funcionamento do culto.

O que de diferente ocorreu é que em 1998, parte dos objetos que haviam sido levados da casa de Eurides pelo frade franciscano que fora responsável por convencê-la a abandonar as práticas do Candomblé, foi encontrada no museu de um seminário franciscano na cidade de Agudos, no interior de São Paulo. A notícia da descoberta destes objetos surpreendeu Eurides. Quando soube da possibilidade de recuperar os objetos e da anuência do diretor

do museu em devolvê-los, Eurides foi ao interior de São Paulo buscá-los. Os objetos ainda não tinham sido expostos no museu, pois careciam de uma classificação. E foi justamente a busca por uma classificação por parte do diretor do museu que foi pedida a um pesquisador do Candomblé – e que conhecia a história de Eurides – que levou à descoberta destes objetos do Ilê de Oxum no museu do seminário. Dentre os muitos objetos de tradições afro-brasileiros que estavam guardados no museu aguardando classificação, Eurides reconheceu prontamente muitos utensílios de sua antiga casa. “Tinha bacias, bacias de ágata, tinha alguidar, algumas peças de pano, de tecido, roupas certo? Tinha alguma coisa destas lá. [...] Lá de Agudos nós trouxemos atabaques, que não eram os meus antigos. Mas se disse ‘se servem para você, pode levar’, aí eu trouxe. Além dos atabaques, trouxemos peças de barro, de louça que eram da casa anterior”, descreve Eurides. Indagada se estes objetos foram simplesmente incorporados ao dia a dia da casa, a Yalorixá responde: “Não, não começamos simplesmente a usar de novo. Tivemos que fazer, tivemos que passar por um processo de purificação, de limpeza. Porque foi para um outro ambiente que não era o do ritual, foi levado de qualquer maneira, ele na época colocou tudo numa Kombi prá levar. Então foi feito o preceito de purificação: com lavagem, com ervas...” Isto é sem dúvida uma novidade, que objetos de um terreiro tivessem retornado a ele cerca de 20 anos depois de serem dali retirados. De onde teria Eurides aprendido que se deve fazer estes rituais? Teria ela recebido alguma orientação específica, para isto? “Não, não precisou de orientação. Eu vivi 10 anos dentro da casa onde fui feita. E ali eu aprendi os preceitos da purificação, esta linha de trabalhar, de fazer as coisas. Ou seja, o ato de purificação das coisas, de usar as folhas, de fazer as coisas”, responde com confiança. Mas qual a condição religiosa destes objetos retornados ao terreiro? Teriam eles perdido a sacralidade por terem sido retirados da casa? “Não, perder a sacralidade não perde. O que está na origem, na raiz, isto fica, isto não sai. Mas foi manipulado indevidamente. Então quando peguei de volta eu... é igual como se eu tivesse emprestado uma roupa para uma pessoa; se a pessoa usou e sujou, eu tenho que lavar para poder usar de novo. Mais ou menos isto”. E as pessoas da casa, como reagiram a esta volta dos objetos tantos anos depois? “As pessoas ficaram assim muito felizes por as coisas terem voltado. Por que eles acharam que não mais iam ver coisas da casa antiga, coisas da outra casa”.

3. Aspectos da reconstrução – Leitura hermenêutica

O mundo de uma casa de Candomblé não é um mundo construído a esmo. Ele é feito a partir da compreensão de que há uma ordem maior, um cosmos sagrado. O mundo concreto de uma casa de Candomblé só é possível, porque esta ordem está – como ordem originária e exemplar – junto a Olodumaré. A reconstrução da casa de Mãe Eurides, mesmo que não tivesse ela conhecimento de alguma casa que tenha sido refeita, seguiu não um princípio de refazimento (mesmo porque este não existe), mas o princípio da ordem primeira. Vamos tentar chamar atenção agora a alguns aspectos desta ordem primeira, que funcionaram como princípio hermenêutico para as ações tomadas.

3.1. “Tivemos que fazer de novo. Não tinha outra solução”

Quando indagada sobre como fez na nova casa, se os assentamentos da casa antiga tinham se perdido, Mãe Eurides simplesmente disse que tudo teve que se fazer de novo. Mas como foi este fazer de novo? Eurides: “Então eu procurei refazer, da melhor maneira, como a gente tinha feito antes”. Mesmo sendo uma situação inusitada – fato de todos os membros da casa não terem mais seus assentamentos – para Mãe Eurides não havia nenhum segredo: bastava fazer como se tinha feito antes. A *ordem* religiosa (o cosmos) tem sua lógica e é esta que tem que ser seguida. Se houve – no caso de sua casa – um rompimento, este não foi o rompimento da ordem. A ruptura ocorreu nas coisas que saíram desta ordem (no caso, a perda dos assentamentos). E como se coloca novamente as coisas em ordem? Através de rituais. O rito recoloca na ordem. Há uma ordem sempre presente. A situação atual é que pode não estar nesta ordem. O ritual costura, remenda a situação e a coloca de novo no lugar. Há uma *ordem* que sempre continua. As rupturas não são desta ordem, são das coisas que não seguiram esta ordem. O rito sana esta ruptura, a repõe na ordem. O rito é pois quem costura as rupturas e sana o distanciamento entre a ordem original e a situação atual que desta se desviou. Rito é – no caso – retorno à ordem. Isto não como exceção, pois é também o rito que instaura esta ordem original numa situação concreta.

3.2. “Não tem como fazer duas vezes”

Uma vez instaurada a ordem original, esta não precisa ser refeita. Assim, para Mãe Eurides, estava muito claro que não se precisava refazer a feitura das pessoas. No momento da iniciação, houve o pacto entre fiel e seu Orixá. Este instaura a realidade sagrada na cabeça de quem é iniciado: a ligação entre fiel e seu Orixá. Esta realidade é absoluta, ela é real. Independente do que possa acontecer, nisto não mais se mexe:

Não existe fazer duas vezes, não é? Refazer é fazer os preceitos que ficaram para trás. Por exemplo a feitura, raspar a cabeça, botar para fora etc., isto não se pode fazer duas vezes. Mas os preceitos dos assentamentos, os sacrifícios do bichos, isto fizemos. Isto teve que ser refeito. Mas sem ter que raspar a cabeça de novo para confirmar aquilo que já tinha sido feito, isto não precisa. A energia esta é a que fica. Esta continua.

Nesta fala fica muito claro que a realidade absoluta (o pacto feito entre fiel e seu Orixá na iniciação), esta continua intacta. Ela já foi instaurada. O que se precisou fazer foram os “preceitos que ficaram para trás”, ou seja, novamente os ritos foram necessário para costurar o que havia se distanciado.

3.3. “Perder a sacralidade, não perde!”

Mesmo tendo que se fazer uma série de ritos para costurar a ruptura havida, estes não tocam no central: a sacralidade instaurada na iniciação. Há aqui uma noção muito clara de *real*, de essência manifesta que não se desfaz. A ordem sagrada, uma vez instaurada, é realidade permanente que não depende dos atos das pessoas. Não há acesso a desfazer a sacralidade da realidade instaurada. Por isso, não é possível perder a sacralidade uma vez instaurada. Esta realidade sagrada instaurada não pode ser perdida, justamente por ser uma manifestação da ordem original presente em Olodumaré como possibilidade. No momento de sua instauração ela deixa de ser possibilidade e se torna presente (real, verdadeira). Pensar que ela possa ser desfeita ou perdida, seria imaginar – nesta compreensão religiosa – que a possibilidade originária de sua existência (e o que fez com que ela tenha passado a existir) poderia também ser desfeita. E isto não está ao alcance dos seres humanos: interferir no possibilitador.

3.4. “Foi feito o preceito de purificação”

Em que consiste, pois a ruptura da ordem? É o que poderíamos perguntar. Em princípio, o desfazimento da casa de Mãe Eurides, do cosmos religioso ali instaurado, não rompeu com a ordem originária ali presente. Esta se manteve. A ruptura está na manipulação errônea. A ruptura acontece não no sagrado, mas na manipulação da ordem que representa o sagrado. Ritual é manipulação, por isso é pela ritualidade que acontece a sutura. Como o ritual é o meio que instaura concretamente (torna visível, palpável) a ordem – ordem esta que existe em princípio – é também o ritual que vai restaurar a manipulação errônea ocorrida dentro desta ordem. E isto, na fala de Mãe Eurides, é como uma sujeira que precisa se lavada para que a realidade anterior (que é absoluta) apareça, se mostre novamente: “O que está na

origem, na raiz, isto fica, isto não sai. Mas foi manipulado indevidamente. Então quando peguei de volta eu... é igual como se eu tivesse emprestado uma roupa para uma pessoa; se a pessoa usou e sujou, eu tenho que lavar para poder usar de novo. Mais ou menos isto.” Os rituais feitos agora, no refazimento da casa, não vão instaurar uma nova ordem: eles apenas vão tornar visível, palpável, presente novamente a ordem única que nunca deixou de existir. O que deixou de existir foi a sua visibilidade. Novamente a ideia de que o ritual sana a distância que existia entre a ordem e a situação atual.

3.5. “Não, eu não desconto não”

Mãe Eurides, perguntada se hoje, ao fazer as contas de quanto tempo tem de iniciada, descontaria os anos que ficou sem a casa, responde: “Não, eu não desconto não”. Há aqui um outro princípio hermenêutico desta forma de pensar em ação: o tempo sagrado é único, o tempo sagrado não pára. Este tempo é sempre um tempo que é! Assim, mesmo que ela tenha deixado a militância no Candomblé, deixado sua função, desfeito sua casa, o tempo seu tempo de iniciação não parou de contar. Ele é absoluto.

Conclusão

Nestas poucas linhas de reflexão sobre um acontecimento concreto: o refazimento de uma casa de Candomblé, espero ter conseguido mostrar por um lado como se deu esta retomada da casa, como Mãe Eurides encaminhou esta trajetória. Não há – pelo menos que eu conheça – alguma orientação dentro do Candomblé para refazimento de um Ilê Axé. O caso do Ilê de Oxum talvez não seja o único, mas é seu dúvida um caso interessante para observar a lógica interpretativa do Candomblé em ação. E este é justamente o outro lado. Espero ter podido mostrar como há uma hermenêutica capaz de guiar situações diferentes sempre a partir dos princípios que a regem.